



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10308 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

Educação como prática de liberdade para/pelas mulheres: o movimento #EleNão
Desirée de Oliveira Pires - FURG/PPGEDU - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE

Amanda Motta Castro - FURG - Universidade Federal do Rio Grande

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Educação como prática de liberdade para/pelas mulheres: o movimento #EleNão

Resumo: A atuação do movimento feminista tem demonstrado historicamente que as mulheres são fundamentais na construção de saberes e práticas promotoras de uma educação política e em defesa dos direitos humanos. Em tempos de retrocessos democráticos, alimentados pela uma política conservadora e de profundo ataque aos direitos das mulheres, se faz necessário a busca de novas estratégias e de novos espaços de atuação política, a fim de atingir cada vez mais mulheres. Nas eleições presidenciais de 2018, diante a eminência de um político conservador ocupar a presidência do Brasil, as mulheres organizaram um movimento através das redes sociais chamado #EleNão, com o objetivo de discutir e conscientizar as mulheres sobre o perigo que a vitória de Jair Messias Bolsonaro representaria. O movimento trouxe desdobramentos importantes para o movimento feminista e evidenciou as mulheres como uma das principais frentes de resistência as políticas negacionistas e conservadoras.

Palavras-chave: educação política; movimento feminista; mulheres.

Paulo Freire (2014) em *Pedagogia do Oprimido* aponta que os seres humanos quando tomam consciência de si e do seu poder de transformação tornam sua existência histórica. bell hooks (2017), uma feminista e defensora da educação popular, nos convida a pensar junto a Freire a educação para muito além dos espaços institucionais, nos ensinando a transgredir e romper com os modelos formais de educação e nos conduzindo a uma percepção da educação como prática da liberdade.

Com base nisso, podemos afirmar que historicamente o movimento de mulheres e sua atuação em prol da conquista de direitos e de existência para as mulheres tem contribuído para a construção de uma transformação social e de práticas educativas que nos conduzem a liberdade. De acordo com Carlos Brandão (2017) em seu livro *O que é Educação*, o autor inicia o seu texto apontando que ninguém escapa à educação, onde todos e todas acabam de uma forma ou de outra sendo envolvidos por ela. Dos motivos para tal, o autor explicita que isto acontece "para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer,

para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.” (BRANDÃO, 2017, n/p).

Partindo do princípio de que não há apenas uma única maneira de educação, mas sim “educações”, podemos compreendê-las nas mais diversas formas, não apenas em espaços institucionalizados de ensino, mas de maneira livre. Maria Gohn (2011) aponta os movimentos sociais enquanto espaços educativos, uma vez que promovem uma série de práticas capazes de “formar” opinião daquelas pessoas que o compõe e que criam formas distintas de organização para que a população possa se organizar e expressar suas demandas. Assim sendo, a atuação e envolvimento no movimento feminista oportunizam de forma coletiva a construção de saberes fundamentais para a valorização e defesa dos direitos humanos.

Nesse sentido, este texto pretende apresentar uma pesquisa de dissertação em andamento e já qualificada, que tem por intuito não só esperar a mudança a partir do movimento de mulheres, como, também, denunciar e demarcar as constantes políticas de retrocessos que temos vivenciado pelo governo brasileiro, mais severamente a partir de 2018. A pesquisa se propõe a pensar como a atuação do movimento feminista nas redes sociais é uma importante ferramenta para uma educação política para/pelas mulheres, tendo por análise o Movimento #EleNão.

As redes sociais e a popularização do acesso à internet no século XXI transformaram as relações sociais e conseqüentemente a forma de atuação dos movimentos sociais. O movimento feminista percebe as redes sociais como uma importante ferramenta de estratégia de atuação, a fim de dialogar e informar mulheres sobre nossas diferenças, mas, sobretudo, pela condição histórica de opressão que vivemos e que nos une. Para isso, os coletivos e grupos de mulheres discutem temas complexos com base teórica, porém de forma simples e de fácil acesso através da criação de *card* informativos ou vídeos curtos. Essas ações oportunizam agregar outras mulheres que não eram contempladas em outros momentos do feminismo, abrangendo um movimento para além dos espaços acadêmicos.

Diante da otimização do uso das redes sociais, porque então não perceber os espaços digitais enquanto espaços possíveis para um engajamento político-social e potente na propagação do conhecimento? É de encontro a esse questionamento que o ativismo de mulheres tem se utilizado das mídias digitais e, mais especificamente, das redes sociais para sua organização e propagação de uma educação em defesa dos direitos humanos.

No entanto, entendemos que o espaço em que essa pesquisa ocorre, a internet, não é um paraíso democrático. Por mais amplo e abstrato que se apresente é um espaço político em constante disputa. Em se tratando de política, as eleições de 2018, responsáveis por eleger Jair Messias Bolsonaro à presidência do país, demonstraram o grande impacto que as redes sociais exercem na formação da opinião pública. E por esse motivo, precisamos compreender que esse espaço é ambíguo.

A estratégia de Bolsonaro nas eleições de 2018 interferiram no imaginário social conduzindo para a formação de opinião, disseminando *fake news* por aplicativos de mensagem a partir de *bots*, mais conhecidos como robôs de internet capazes de simular ações repetidas vezes e de maneira padrão. Com mais de 7 milhões de seguidores no *facebook* no final de 2017, Bolsonaro soube adentrar no imaginário social, fazendo a população acreditar que a única saída para uma reforma política seria a sua vitória eleitoral.

Acontece que ao mesmo tempo que as redes sociais contribuem para a ascensão do conservadorismo no país, elas fortalecem os movimentos de mulheres que realizam a resistência a essa política, caracterizando esses espaços não somente pela sua ambigüidade,

mas, também, pelo fortalecimento dos movimentos de esperança. Os movimentos que surgem em protesto as políticas bolsonaristas demonstram que as redes sociais são uma importante ferramenta de luta e que pode inclusive, desestabilizar a cultura política dominante, como fez o Movimento #EleNão em 2018.

O Movimento #EleNão foi uma manifestação do movimento de mulheres que se iniciou nas redes sociais em agosto de 2018 e foi às ruas em setembro do mesmo ano, tendo por objetivo principal impedir a candidatura de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais daquele ano. Porém, mais do que isso, o movimento representou a indignação das mulheres diante as políticas de retrocessos e ao conservadorismo instaurados na política brasileira, que refletiam na perda e ameaça em torno dos direitos das mulheres e de demais grupos historicamente invisibilizados.

O movimento foi organizado a partir de um grupo na rede social *facebook*, chamado *Mulheres Unidas Contra Bolsonaro*. A fundadora do grupo, Ludimilla Teixeira, percebeu que haviam poucos grupos nesta rede social que se propusessem a discutir política para/pelas mulheres. Um grupo com esse intuito se fazia urgentemente necessário, principalmente naquele momento, tendo em vista que as pesquisas de opinião apontavam a vitória de Bolsonaro em primeiro turno, o que representava uma profunda ameaça aos direitos das mulheres.

Diante desse cenário de profunda tensão política, o grupo foi criado em agosto de 2018 com o objetivo de discutir e conscientizar as pessoas diante da ameaça que a candidatura de Bolsonaro representaria para as minorias sociais. O grupo inicialmente reunia mulheres tanto da esquerda, quanto de direita que tivessem, como ponto em comum, serem contra a vitória de Bolsonaro. O sucesso do grupo e a massiva participação das mulheres foram tão intensas que em pouco mais duas semanas o grupo já contava com de 1 milhão de “membras” no *facebook*.

Conforme as discussões iam sendo levantadas e partilhadas no grupo, as mulheres passaram a perceber a necessidade de ocupar também as ruas. Sendo assim, foram convocadas manifestações para acontecerem nas principais capitais brasileiras no dia 29 de setembro de 2018 em sinal de repúdio à candidatura de Bolsonaro e buscando impedir que o mesmo vencesse as eleições.

Essas manifestações foram convocadas pelo grupo no *Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB)* a partir de um evento no *facebook*, chamado de #EleNão. O primeiro evento criado, não tinha uma cidade ou estado certos para acontecer, permitindo apenas que fosse um espaço para que cada grupo de mulheres, de acordo com a sua cidade se envolvesse na organização ou simplesmente participassem dos atos. Após isso, mulheres das principais capitais do Brasil participaram e, posteriormente, de cidades menores organizam as manifestações locais.

O evento do Movimento #EleNão foi chamado assim pois entre os meses de agosto e setembro Bolsonaro alcançava ainda mais popularidade nas redes sociais tanto daquelas pessoas que eram a favor de sua candidatura, quanto daquelas que eram contrárias. Isso acontecia, pois ao fazer menção do seu nome nas redes sociais as postagens contra se misturavam com as que eram a favor, em sua maioria *boots*, mas que dificultavam saber exatamente sobre o que estava se falando de Bolsonaro. Dessa forma, ele se mantinha como os assuntos mais comentados nas redes sociais brasileiras, aumentando ainda mais sua popularidade.

Dentro das discussões do grupo *Mulheres Unidas Contra Bolsonaro* passou-se a se pensar em uma outra forma de chamá-lo. A utilização do nome “Ele Não” surge com o

intuito de que o nome de Bolsonaro sequer fosse mencionado. O uso do nome atrelado ao uso da # ou *hashtag* é uma prática comum e que funciona como uma espécie de “filtro de pesquisa”, possibilitando que o assunto referente a oposição da candidatura de Bolsonaro fosse achado com mais facilidade, diferentemente se o próprio nome dele fosse utilizado, o que poderia contribuir ainda mais para o crescimento de sua popularidade.

A mobilização do grupo foi tão intensa que próximo às eleições chegou a reunir mais de 2,5 milhões de mulheres. De acordo com Rashit e Souza “o rápido e espantoso crescimento do grupo revelou um anseio da comunidade feminina por um espaço de deliberação política, compartilhamento e aprendizagem.” (RASHIT e SOUZA, 2019, p.12). Ou seja, as mulheres encontraram um espaço para que suas inquietações políticas e sociais fossem debatidas, através de uma rede online e que, posteriormente, afirmou sua identidade nas ruas do Brasil.

Conforme a rede de comunicação livre, Mídia Ninja, as manifestações aconteceram nos 27 estados brasileiros em mais de 350 cidades. Além do Brasil, a rede também identificou a ocorrência de protestos em 73 cidades em 33 países, manifestações organizadas por brasileiros que vivem fora do país e que também demonstraram sua oposição à candidatura.

[1]

O movimento #EleNão evidenciou o movimento feminista como uma das principais linhas de frente contra os retrocessos sociais e na promoção de uma educação política para os direitos humanos. Além disso, as plataformas digitais se mostraram potencializadoras para o movimento de mulheres à medida que possibilitaram uma forma de comunicação mais horizontal, mais interativa e sem hierarquias.

Mesmo que o movimento não tenha conquistado o objetivo principal (não permitir que “ele” fosse eleito), o próprio movimento de autorreflexão e construção social já constitui o resultado. Podemos entender que o processo de transformação ocorre na mentalidade das pessoas à medida que elas movimentam suas redes, estabelecendo relações online ou não.

Atualmente em 2021, o grupo de mulheres se mantém ativo no *facebook*, ainda sob o nome *Mulheres Unidas Contra Bolsonaro*. Após as eleições de 2018 o grupo tentou modificar o seu nome para *Mulheres Unidas com o Brasil*, porém a alteração não foi aceita pela ampla maioria de mulheres que compõem o grupo. Além disso, as mulheres que administram e coordenam o grupo perceberam que a luta ainda continuava. No site oficial do grupo está registrado

Fizemos história nestas eleições presidenciais e seremos oposição e resistência a este governo fascista e opressor. A voz de quase 4 milhões de mulheres saiu das redes sociais e tomou as ruas, os guetos, os quilombos, os assentamentos e as terras indígenas. É tempo de união! Seguimos sob o lema do #EleNÃO porque este presidente não nos representa e juntas não largaremos as mãos de ninguém.[2]

Percebeu-se que mais do que impedir que Bolsonaro fosse eleito, era necessário que o movimento de resistência continuasse sendo feito tendo em vista que sua política não somente representava uma ameaça, mas de fato, atacava os direitos das mulheres e demais grupos sociais. Por isso, o objetivo de alguma maneira continuou permanecendo o mesmo: resistir e lutar contra o governo Bolsonaro e às políticas bolsonaristas.

Percebemos atualmente que a atuação de mulheres nas redes sociais por meio do MUCB é muito mais do que um simples grupo de discussão no *facebook*. Ele se constitui como uma comunidade que tem por intuito oportunizar uma educação política para/pelas

mulheres em defesa dos direitos humanos. O movimento #EleNão foi a materialização nas ruas do quanto esses espaços são fundamentais se quisermos conscientizar um número ainda maior de pessoas sobre a situação política do país.

Nesse sentido, podemos ousar dizer que as mulheres têm estado à frente das lutas sociais e tem promovido uma educação política, agregando não só as mulheres, mas também os homens. Com suas manifestações que se iniciam nas redes e logo se manifestam nas ruas, os movimentos feministas podem ainda não serem ouvidos como deveriam, mas causam muito barulho.

Pensar dessa maneira nos traz esperança em uma sociedade mais democrática e igual para mulheres e homens. Esperança não no sentido ingênuo do termo, mas a esperança pensada por Freire (2018), a partir da luta. Uma esperança que se faz tanto no embate, quanto na utopia.

Referências:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Brasiliense: São Paulo, 2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

SOUSA, Maíra; RACHIT, Breda. **Mobilizações pré-eleições presidenciais 2018 no Pará: grupos e eventos relacionados à #EleNão no facebook**. In: Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação, Palmas, v. 3, n. 1, p. 66-86, jan-abr. 2019.

[1] “#EleNão aconteceu em mais de 400 cidades em 34 países” Disponível em: <https://midianinja.org/news/elenao-aconteceu-em-mais-de-400-cidades-em-34-paises-balanco-ninja/> Acesso em 30 de outubro de 2020.

[2] Idem.